

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

Cap Cav Gabriel Dondeo Lima

**O EMPREGO DO CAÇADOR NA AÇÃO RETARDADORA REALIZADA POR UM
REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO**

Rio de Janeiro

2021

Cap Cav Gabriel Dondeo Lima

**O EMPREGO DO CAÇADOR NA AÇÃO RETARDADORA REALIZADA POR UM
REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais como requisito parcial para a obtenção do grau especialização em Ciências Militares com ênfase em Doutrina.

Orientador: Cap Cav Lamonie Lemos Saurim

Rio de Janeiro

2021

Cap Cav Gabriel Dondeo Lima

**O EMPREGO DO CAÇADOR NA AÇÃO RETARDADORA REALIZADA POR UM
REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de Aperfeiçoamento
de Oficiais como requisito parcial para a
obtenção do grau especialização em
Ciências Militares com ênfase em
Doutrina.

Aprovado em ____ / ____ / ____

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO

DANIEL MENDES AGUIAR SANTOS – Ten Cel
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais
Presidente

LAMONIE LEMOS SAURIM – CAP
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais
1º Membro

THIAGO DE SOUZA GONÇALVES – CAP
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais
2º Membro

RESUMO

A finalidade deste trabalho é apresentar as capacidades, limitações e possibilidades de emprego do Caçador em uma Ação Retardadora realizada por um Regimento de Cavalaria Mecanizado (RC Mec). A Seção de Caçadores foi adicionada à Estrutura Organizacional do RC Mec em seu novo manual do ano de 2020, porém o tema Caçador não possui Manual de Campanha que padronize seu emprego em tal operação. Dessa forma, buscou-se analisar como esses atiradores são aproveitados em outros países, nos combates atuais, na tentativa de realizar inferências iniciais quanto a sua atuação nacionalmente.

Palavras-chave: Caçador, Regimento de Cavalaria Mecanizado. combates atuais

ABSTRACT

The purpose of this work is to present the Sniper's capabilities, limitations and employment possibilities in a Retarding Action performed by a Mechanized Cavalry Regiment. The Snipers Section was added to the Organizational Structure of Mechanized Cavalry Regiment in its new 2020 manual, but the Hunter theme does not have a Campaign Manual that standardizes its use in such an operation. Thus, we sought to analyze how these shooters are used in other countries, in current combats, in an attempt to make initial inferences about their performance nationally.

Keywords: Hunter, Mechanized Cavalry Regiment. current fights

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| GRÁFICO 1 – ELEMENTOS INIMIGOS MAIS IMPORTANTES PARA TIRO DE PRECISÃO | 31 |
| GRÁFICO 2 – IMPORTÂNCIA DO CAÇADOR NO MONITORAMENTO DE REGIÕES DE INTERESSE PARA A INTELIGÊNCIA | 32 |
| GRÁFICO 3 – FUNÇÃO DE MAIOR IMPORTÂNCIA COM A UTILIZAÇÃO DA SEÇÃO DE CAÇADORES | 32 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|-----------|---|
| 1º BAC | 1º Batalhão de Ação de Comandos |
| AMAN | Academia Militar das Agulhas Negras |
| ARP | Aeronave Remotamente Pilotada |
| Bda C Mec | Brigada de Cavalaria Mecanizada |
| CIOpEsp | Centro de Instrução de Operações Especiais |
| Cmb | Combate |
| COP | Centro de Operações |
| DE | Divisão de Exército |
| DRC | Destacamento de Reconhecimento de Caçadores |
| EB | Exército Brasileiro |
| GU | Grande Unidade |
| mm | Milímetro |
| Op Def | Operações Defensivas |
| OTAN | Organização do Tratado do Atlântico Norte |
| PFT | Posição Final de Tiro |
| PO | Posto de Observação |
| Rc | Mec Regimento de Cavalaria Mecanizado |
| RIPI | Região de interesse para a Inteligência |
| RVT | Radar de Vigilância Terrestre |
| S-2 | Oficial de Inteligência |
| Seç | Cçd Seção de Caçadores |
| Sgt | Sargento |
| SU | Subunidade |
| SVTO | Seção de Vigilância Terrestre e Observação |
| TTP | Técnicas, Táticas e Procedimentos |
| U | Unidade |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 8 |
| 1.1 PROBLEMA..... | 11 |
| 1.2 OBJETIVOS..... | 12 |
| 1.2.1 Objetivo Geral | 12 |
| 1.2.2 Objetivos Específicos | 13 |
| 1.3 QUESTÕES DE ESTUDO | 13 |
| 1.4 JUSTIFICATIVA | 13 |
| 2. METODOLOGIA | 15 |
| 2.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO..... | 15 |
| 2.2 AMOSTRA..... | 15 |
| 2.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA..... | 16 |
| 2.4 PROCEDIMENTOS PARA REVISÃO DE LITERATURA | 16 |
| 2.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... | 16 |
| 2.6 INSTRUMENTOS..... | 17 |
| 2.7 ANÁLISE DE DADOS..... | 18 |
| 3. REFERENCIAL TEÓRICO | 18 |
| 3.1 O <i>SNIPER</i> MODERNO..... | 19 |
| 3.2 A DOCTRINA CANADENSE PARA O EMPREGO DO <i>SNIPER</i> | 20 |
| 3.3 A DOCTRINA NORTE AMERICANA PARA O EMPREGO DO <i>SNIPER</i> , ESPECIFICAMENTE NO MOVIMENTO RETRÓGRADO..... | 21 |
| 3.4 NOVO AMBIENTE OPERACIONAL MUNDIAL..... | 22 |
| 3.5 GUERRA AO TERROR..... | 23 |
| 3.5.1 Teatro de Operações do Afeganistão | 24 |
| 3.5.2 Teatro de Operações do Iraque | 25 |

| | |
|---|----|
| 3.6 O CAÇADOR INSERIDO NAS FUNÇÕES DE COMBATE..... | 27 |
| 3.6.1 Função de Combate Fogos | 27 |
| 3.6.2 Função de Combate Inteligência | 28 |
| 3.7 AS CARACTERÍSTICAS DA AÇÃO RETARDADORA..... | 28 |
| 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES | 29 |
| 4.1 ETAPAS DA ANÁLISE..... | 29 |
| 4.2 RESULTADOS..... | 30 |
| 4.3 INTERPRETAÇÃO E COMPARAÇÃO DOS DADOS COLETADOS..... | 32 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES | 34 |
| REFERÊNCIAS | 38 |
| ANEXO A – Entrevista | 41 |

1. INTRODUÇÃO

Segundo Brasil (2020a, p. 2-1):

O Regimento de Cavalaria Mecanizado (RC Mec) é uma unidade (U) orgânica das Brigadas de Cavalaria Mecanizada (Bda C Mec) e que pode integrar diretamente divisões de exército (DE), dotada de subunidades (SU) de combate (Cmb) aptas a realizarem diferentes atividades e tarefas inerentes às operações terrestres.

O Regimento de Cavalaria Mecanizado (RC Mec) possui grande mobilidade, potência de fogo, proteção blindada e atua em frentes e profundidades muito amplas. Contém um sistema de armas integrado às viaturas e aos equipamentos de Inteligência, Reconhecimento, Vigilância e Aquisição de alvos (IRVA) (BRASIL, 2020a, p. 2-1)

As operações defensivas (Op Def) são operações em que o adversário possui o ímpeto das ações e nas quais se realiza a defesa com inferioridade de meios, condições adversas, e, como forma de compensação, há a necessidade de melhor utilizar o terreno e suas capacidades para impedir, resistir ou se sobrepôr ao ataque inicial. As Op Def são, desta forma, de caráter transitório, a medida em que visam criar condições para se passar à ofensiva (BRASIL, 2017).

O manual citado acima demonstra que há dois tipos de operações defensivas: a Defesa em Posição e o Movimento Retrógrado. O movimento Retrógrado se trata de um movimento tático para a retaguarda ou para longe do inimigo, voluntariamente ou não. É uma ação realizada em largas frentes que busca evitar a possibilidade de instalação imediata de uma posição defensiva.

A partir do Movimento Retrógrado como um tipo de operação, tem-se três formas de manobra: retraimento, retirada e ação retardadora. A ação retardadora de um RC Mec é o enfoque do presente estudo. De acordo com o manual EB 70-MC-10.354 – Regimento de Cavalaria Mecanizado (BRASIL, 2020a), esta forma de manobra tem como principal fundamento a troca do mínimo de espaço pelo máximo de tempo possível, utilizando-se do máximo retardamento, desgaste e procurando infligir o máximo de danos ao inimigo, sem se deixar engajar decisivamente.

Na execução da ação retardadora, são realizadas diversas ações ofensivas, com o objetivo de obrigar o inimigo a desdobrar suas forças e, desta forma, perder mais tempo em sua progressão.

A ação retardadora é abordada em diversos manuais do Exército Brasileiro (EB) e pode ser realizada por diferentes tipos de tropas militares. No manual EB70-MC-10.354 – Regimento de Cavalaria Mecanizado (BRASIL, 2020a), é inicialmente apresentada por meio de suas características, podendo ser chamada, em outros manuais, de fundamentos, princípios, considerações ou considerações básicas, sendo estes: Controle Centralizado e Ação Descentralizada, Máximo Aproveitamento do Terreno, Forçar o Inimigo a Desdobrar e a Manobrar, Máximo Emprego de Obstáculos, Manutenção do Contato com o Inimigo e Evitar o Engajamento Decisivo.

Este trabalho visa elucidar as formas de emprego do Caçador na Ação Retardadora realizada por um RC Mec, assim como o emprego deste especialista em outros exércitos, o que possibilita concluir acerca das possibilidades e limitações de sua atuação neste tipo de operação, no âmbito do EB.

Conforme apresentam as Instruções Provisórias:

[...] o Caçador é um "sistema de armas" de extrema valia para às forças militares e órgãos de segurança civis, sendo de suma importância no atual cenário mundial eivado de conflitos regionais, terrorismo e violência urbana. No contexto do emprego da Força Terrestre o Caçador é um multiplicador de combate eficiente a disposição de um comandante. A filosofia para o emprego do Caçador pode ser traduzida pela seguinte frase: 'Um tiro, uma baixa' (BRASIL, 1998, p. 1-1).

Ainda, de acordo com Da Silva (et al., 2015) é relevante ter conhecimento de que “[...] *sniper* é a palavra usada em vários exércitos do mundo para designar o combatente que atira a longa distância, perfeitamente camuflado, em alvos escolhidos pelo seu valor” (DA SILVA et al., 2015, p. 85). No Brasil, a denominação escolhida foi Caçador, porém, o dogma doutrinário manteve-se.

Conforme apresenta Pegler (2001 apud CARVALHO, 2009, p. 16).

O termo *Sniper* tem origem nas caçadas inglesas realizadas na Índia no século XVIII. Esguio e muito rápido, o *snipe* é uma ave muito difícil de caçar, por isso, os caçadores tinham que ser detentores de uma aptidão espantosa na execução de tiro. Desta forma, a caça ao *snipe* ou *sniping*, rapidamente se tornou no jogo predileto entre as elites de caçadores, onde o termo *Sniper* denominava aquele que possuía todas as capacidades para ser um caçador de *snipe* de sucesso.

De acordo com o autor supracitado,

Os *snipers* tiveram o seu primeiro emprego a nível militar na guerra da Independência dos EUA. Este conflito opôs o Reino Unido às colônias da América do Norte. Os norte-americanos integravam caçadores veteranos nas suas fileiras. Conhecidos como *sharpshooters*, serviam-se da sua grande experiência na prática de tiro para uma maior precisão e alcance. Os *sharpshooters* utilizavam carabinas Kentucky de ante carga, muito conhecidas pela sua qualidade de manufatura relativamente às armas de cano liso pouco precisas dos britânicos. Provaram a sua eficácia em combate através da neutralização de militares de alta patente, que utilizavam uniformes diferentes do restantes elementos, o que facilitava a sua identificação (CARVALHO, 2009, p. 16).

Ainda, segundo Pegler (2001 apud CARVALHO, 2009, p. 16):

Os *sharpshooters* americanos operavam individualmente ou em pequenos grupos, dissimulando-se nas densas florestas e surpreendendo as colunas militares de soldados britânicos que por ali passavam.

Um *sniper* deve ter, inerentemente, disciplina e rigor apurados, assim como o aproveitamento durante a sua preparação, que é muito específica. Deve, então, dominar recursos que requerem técnica. Esta tem de ser perfeita para assegurar o máximo de efeitos e para correr os mínimos riscos (HEADQUARTERS, 1994, p. 1-1, tradução nossa¹).

O *sniper* é um voluntário selecionado e especialmente treinado em tiro avançado e em habilidades de campo. Pode apoiar missões de operações especiais e é capaz de engajar alvos selecionados de posições ocultas em distâncias e sob condições que não são possíveis para um atirador comum (EUA, 2004, tradução nossa).

O *sniper* tem como missão primordial, “[...] eliminar o Inimigo, de dia ou de noite sob quaisquer condições meteorológicas ou climatéricas e em todas as fases da guerra” (EUA, 2004, p. 8, tradução nossa). Complementando esta narrativa, Carvalho (2009) afirma que o *sniper*, acessoriamente, atua como posto de observação (PO), de forma a recolher informação adicional do campo de batalha, podendo, ainda, ser

¹ The sniper has special abilities, training and equipment. His job is to deliver discriminatory highly accurate rifle fire against enemy targets, which cannot be engaged successfully by the rifleman because of range, size, location, fleeting nature, or visibility. Sniping requires the development of basic infantry skills to a high degree of perfection. A sniper's training incorporates a wide variety of subjects designed to increase his value as a force multiplier and to ensure his survival on the battlefield. The art of sniping requires learning and repetitiously practicing these skills until mastered. A sniper must be highly trained in long-range rifle marksmanship and field craft skills to ensure maximum effective engagements with minimum risk (HEADQUARTERS, 1994, p. 1-1).

utilizado como observador avançado, efetuando a regulação de fogos de artilharia, morteiros e apoio aéreo.

Fazendo uso da sua capacidade de fazer tiro ajustado a longas distâncias, o *sniper* cria grandes dificuldades na progressão da força inimiga, provocando a completa desorganização do seu dispositivo e levando-a a empenhar forças maturamente (CARVALHO, 2009, p. 22).

Conectando os assuntos referentes ao tema, o novo manual de campanha do RC Mec, do ano de 2020, incorpora uma seção de caçadores (Seç Cçd) dentro do Pelotão de Comando do Esquadrão de Comando e Apoio e define suas características da seguinte forma: "[...] reúne pessoal e meios para realizar o tiro preciso sobre alvos específicos, podendo ainda ser empregada para coletar informes do inimigo" (BRASIL, 2020a, p. 2-7).

De acordo com o mesmo manual, os empregos mais comuns do RC Mec são:

[...] para, na defensiva, realizar movimentos retrógrados (particularmente a ação retardadora) ou executar ações dinâmicas da defesa. Pelas suas características de mobilidade, potência de fogo e ação de choque, o RC Mec poderá ser empregado nas operações defensivas estáticas, adotando dispositivos de expectativa [...] (BRASIL, 2020a, p. 2-3).

1.1 PROBLEMA

A Instrução Provisória 21-2 – O Caçador nas Operações, foi criada em 1998, com a finalidade de proporcionar uma orientação doutrinária para o preparo e o emprego do Caçador tendo em vista a inclusão desta função nas Unidades de Infantaria.

Desde então, este manual não foi atualizado, mesmo havendo evolução doutrinária no âmbito do EB. Em 2020, inclusive houve a reformulação do EB70-MC-10.354, que foi apresentado em sua 3ª edição (BRASIL, 2020a). Nesta, o Pelotão de Comando possui uma Seção de Caçadores (Seç Cçd) que está presente em diferentes contextos nos diversos tipos de operações.

No caso da Ação Retardadora, o manual supracitado apenas evidencia a importância do Caçador nesta forma de manobra, quando estabelece que:

tão logo o inimigo entre no alcance máximo da artilharia e dos morteiros, os fogos são desencadeados. Ao cerrar sobre a posição, o inimigo é colocado sob o máximo volume de fogos de todas as armas da força retardadora, de modo a obrigá-lo a desdobrar-se, executar reconhecimentos e outras manobras que consumirão tempo. Os fogos diretos devem bater os acidentes capitais e as Via A, dentro de seu alcance útil, e os Caçadores deverão executar o tiro seletivo no maior alcance possível (BRASIL, 2020a, p. 4-99).

Dito isto, e considerando a frequente atualização doutrinária do emprego do caçador, mais precisamente do *sniper*, nos diversos conflitos atuais, apresenta-se o seguinte questionamento: Quais inclusões doutrinárias pode-se sugerir ao Manual de Campanha EB70-MC-10.354 (Regimento de Cavalaria Mecanizado) no tocante à uma ação retardadora realizada por um RC Mec?

1.2 OBJETIVOS

O propósito deste trabalho consiste em verificar o emprego do *sniper* nos constantes conflitos atuais dos países que possuem ampla experiência no quesito, tais como Estados Unidos da América (EUA) e Canadá, além da utilização dos caçadores no âmbito do Exército Brasileiro, e adequá-los à realidade nacional, incluindo dados e possibilidades ao Manual de Campanha EB70-MC-10.354 relacionado ao contexto do Caçador na ação retardadora realizada por um RC Mec. Do exposto, visa-se atingir os objetivos a seguir apresentados.

1.2.1 Objetivo Geral

Os objetivos gerais deste trabalho consistem em apontar se há lacunas doutrinárias relativas à utilização do caçador em uma Operação Defensiva do tipo movimento retrógrado como forma de manobra de ação retardadora realizada por um RC Mec e realizar inferências iniciais para tentar preencher estas lacunas. Isto ocorre partindo-se do conhecimento de que não há manual atualizado sobre o emprego do caçador no Brasil.

1.2.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos do trabalho são os seguintes:

- a) Verificar a utilização prática e as doutrinas de países que estão no estado da arte em ações relacionadas ao tema;
- b) Relacionar, dentro desta utilização prática e doutrinas, quais podem ser incorporadas à realidade do Exército Brasileiro;
- c) Verificar a utilização prática dos Caçadores no âmbito nacional e propor, ao final do trabalho, algumas inferências iniciais.

1.3 QUESTÕES DE ESTUDO

A partir da abordagem qualitativa e quantitativa deste trabalho, seguem as questões norteadoras de estudo:

- a) Quais são as capacidades e limitações do caçador em uma Ação Retardadora?
- b) Quais as formas de emprego do caçador em uma Ação Retardadora?
- c) Como as características do caçador influem na Ação Retardadora?
- d) Quais as vantagens de utilização da Seção de Caçadores (Seç Cçd) na Ação Retardadora?
- e) Como utilizar a Seç Cçd de um RC Mec na Ação Retardadora?

1.4 JUSTIFICATIVA

Considerando-se que o EB encontra-se em período de transformação doutrinária, com a atualização de diversos manuais, entre eles o do Regimento de Cavalaria Mecanizado, o tema desta pesquisa é atual e possui grande relevância acadêmica, além de ser oportuno devido à mudança da estrutura organizacional desse tipo de U, com a inclusão da Seç Cçd em sua composição.

As Instruções Provisórias 21-2 (BRASIL, 1998) foram criadas com o objetivo de orientar o emprego do caçador já que, à época, esta função havia sido inclusa nas unidades de Infantaria. Mesmo mais de vinte anos após sua publicação, ainda não houve uma atualização doutrinária sobre o assunto. Tratando-se especificamente sobre este manual, acredita-se que é oportuna a atualização para um alinhamento doutrinário com a nova realidade mundial.

O Manual de Campanha EB70-MC-10.354 (BRASIL, 2020a) apenas cita a importância da Seç Cçd em uma Ação Retardadora realizada por um RC Mec, sem incluir possibilidades, limitações, ações a serem realizadas e outros aspectos, principalmente porque não há amparo doutrinário nacional. Isto posto, a inserção destas características específicas da Seç Cçd neste manual, mesmo antes da confecção de um manual específico do Caçador, seria de grande relevância para a doutrina nacional.

Desde a Guerra da Independência Americana, passando pelas 1ª e 2ª Guerras Mundiais, Guerra na Coréia, no Vietnã, conflito no Afeganistão, Guerra das Mavinas, conflito na Chechênia, chegando ao Iraque e Afeganistão nos tempos modernos, de acordo com Tzinguilev (2015), a utilização do caçador ou *sniper* vem crescendo de importância e, frequentemente, incorporando novas técnicas e táticas. Esta evolução doutrinária não foi acompanhada pelo EB, deixando assim de existir amparo prático e doutrinário.

A partir do conflito no Afeganistão, no qual as "nações do ocidente" iniciaram a guerra ao terror, principalmente após o atentado terrorista ao *World Trade Center*, em 2011, EUA e Canadá empregaram tropas de *snipers* tanto em operações ofensivas quanto em operações defensivas, tendo como exemplo as operações Anaconda e Harpoon, ocorridas em 2002. Este tipo de operação pode fornecer informações relevantes para a atualização doutrinária, principalmente por serem conduzidas em Teatros de Operação distintos.

Por meio da identificação de lacunas e da realização de inferências iniciais neste trabalho, há contribuições para com o Plano Estratégico do Exército 2020-2023, especificamente com a Ação Estratégica "6.1.1", que prevê a atividade "6.1.1.4 Atualizar as publicações doutrinárias do Exército e contribuir com a atualização das publicações doutrinárias do Ministério da Defesa" (BRASIL, 2020b, p. 25).

2. METODOLOGIA

A fim de apresentar a corrente filosófica e a epistemologia da investigação, como forma de estudo qualitativo e quantitativo a partir de análises observacionais e de conteúdo, o presente trabalho busca a finalidade básica estratégica para entender o emprego de caçadores em Ações Retardadoras dentro do RC Mec.

2.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO

Por meio da busca de fontes documentais e opiniões de conhecedores do assunto, o presente trabalho conceitua e demonstra a melhor utilização dos caçadores no contexto de uma Ação Retardadora realizada por um RC Mec em ações de apoio de fogo e de reconhecimento, dentro das funções de combate fogo e inteligência.

2.2 AMOSTRA

A amostra de pesquisa conta com a coleta documental de operações reais realizadas por *snipers* do exército norte-americano e canadense, não em ações retardadoras, pois estes exércitos raramente executam operações defensivas. Entretanto, a abordagem engloba características específicas realizadas por tais atiradores.

Para caracterizar as missões do caçador, foi aplicado um questionário a uma amostra composta por militares possuidores do Estágio de Caçador do EB. O estágio de caçador é realizado em dois locais, na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), com duração aproximada de um mês, voltado para caçadores das tropas regulares, e o estágio de Caçadores de Operações Especiais, realizado no Centro de Instrução de Operações Especiais (CIOpEsp), com duração aproximada de seis semanas, voltado para as tropas de operações especiais das Forças Armadas e das

forças auxiliares, englobando oficiais, subtenentes e sargentos de carreira. Estima-se que, nos últimos 10 anos, tenham se formado por volta de 170 militares na AMAN e 60 militares no CIOpEsp , totalizando 230 caçadores. A amostra estudada necessitou de no mínimo 30 voluntários.

Ainda, foi realizada uma entrevista com o 2º Sargento (Sgt) Jeancarlo Catelan Cardoso, o primeiro militar a participar do *Advanced Sniper Course*, em Gagetown, New Brunswick, Canadá. O curso foi realizado no *Combat Training Center Infantry School*, tradicional escola militar naquele país.

2.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Realiza-se uma pesquisa exploratória quanto aos objetivos, tornando familiares e compreensíveis os dados extraídos. Quanto à abordagem deste trabalho, há tanto sondagens qualitativas, na busca por entender o emprego do caçador ou *sniper*, quanto quantitativas, no momento em que os dados são tabulados e a análise interpretativa dos resultados realizada.

2.4 PROCEDIMENTOS PARA REVISÃO DE LITERATURA

De forma a melhor compreender e identificar as capacidades do caçador em uma Ação Retardadora, são analisados os estudos e documentos relacionados à atuação de *snipers* e de caçadores em diversos ambientes operacionais, na tentativa de entender sua melhor utilização em combate, além de compreender como ocorre uma Ação Retardadora através de manuais de diferentes exércitos.

2.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como procedimento, utiliza-se o levantamento de informações por intermédio de questionários aplicados a militares possuidores do estágio de caçadores do EB e que possuem experiência na área. Além disso, são realizados estudos de casos em operações reais dos exércitos dos Estados Unidos da América e do Canadá, nas quais foram utilizados *snipers* em funções de apoio de fogo e de inteligência.

2.6 INSTRUMENTOS

Devido à escassez de trabalhos relativos ao tema em questão, tornou-se necessária uma grande busca por coleta documental para se criar o alicerce teórico deste trabalho. Como no Brasil o emprego do RC Mec em operações não é realizado em ambiente de guerra, foi necessário averiguar a doutrina do emprego dos caçadores, ou *snipers*, dos Estados Unidos da América e do Canadá.

Por outro lado, a fim de melhor entender a forma de atuação e o pensamento a respeito do assunto por parte dos militares especializados, optou-se pela realização de um questionário, com intuito de traduzir qual a utilidade, a importância e a melhor maneira de se empregar um caçador em uma operação de Ação Retardadora por um RC Mec. Foram criadas perguntas objetivas, fechadas e ordenadas relativas ao conhecimento do emprego da Seção de Caçadores em uma Ação Retardadora dentro de um RC Mec, bem como sobre a importância de algumas missões inerentes à atividade.

As questões demandam opiniões relativas ao emprego do caçador e permitem conceituar as respostas em “Muito Importante”, “Importante”, “Pouco Importante” e “Sem Importância”, além de existirem questões interpretativas e pessoais. O questionário foi criado na plataforma *Google Forms*². Para não haver dúvidas durante as respostas ao questionário, foi realizado um teste inicial com cinco militares possuidores do estágio de caçador, e, ao final, uma ratificação ou retificação das indagações.

² O questionário encontra-se no endereço eletrônico: <https://forms.gle/6b1FTVgRyM5iBy1u6>.

2.7 ANÁLISE DE DADOS

Quanto à verificação de manuais, da literatura e dos documentos a respeito do tema, os dados foram analisados de forma a elencar as possíveis formas de emprego dos caçadores na Ação Retardadora e de qual forma seriam melhor empregados. Os questionários foram tabulados e analisados de forma que as experiências profissionais e os conhecimentos teórico e prático sobre o assunto em voga fossem colocados como possibilidades de emprego ou o seu emprego fosse inviabilizado em alguns aspectos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O emprego do *sniper* remonta o advento das caçadas utilizando-se armamentos, mas, como visto anteriormente, no âmbito militar, a expressão ganhou magnitude durante a Guerra de Independência Americana. Foram diversos conflitos ao longo da história nos quais o emprego deste atirador teve importância significativa, mas o foco do presente trabalho consiste em verificar seu emprego nos mais recentes ambientes operacionais.

De acordo com Natolochnaya (2014), geralmente, a função primária de um *sniper*, na guerra moderna, é fornecer informações detalhadas sobre o inimigo e, se necessário, reduzir a capacidade de combate do inimigo, neutralizando alvos de grande valor, como comandantes e materiais importantes à tropa inimiga. O entendimento, portanto, é de que, dentro de uma operação, seja ela ofensiva, defensiva ou de segurança, o caçador possui dupla função, tanto de Combate Fogos quanto de Combate Inteligência, sendo que esta última tem uma importância maior, segundo o autor citado.

No intuito de trazer estes cenários recentes de combate ao presente trabalho, entende-se que o ponto de partida seja o ano de 2001, com o início da intitulada Guerra ao Terror. Entretanto, antes, como premissa de que os conflitos mudaram de magnitude, vale ressaltar as técnicas e táticas empregadas pelo *sniper*, assim como o novo ambiente operacional com o qual o mundo se depara.

3.1 O SNIPER MODERNO

De acordo com Neville, no livro *Modern Snipers* (NEVILLE, 2016, p. 32, tradução nossa³):

[...] o atirador de hoje está longe de ser o solitário de rosto sombrio de inúmeros filmes da Segunda Guerra Mundial, que assombra a linha de frente do inimigo, matando seu estoque de armas. Em vez disso, muitos argumentariam que o verdadeiro papel do atirador, e o mais valioso, seria o de recurso de reconhecimento.

A equipe moderna de franco-atiradores, agora quase que universalmente uma equipe de dois ou três homens, tem as habilidades e as técnicas necessárias para se inserir secretamente em uma área de interesse, construir um posto de observação e permanecer invisível por dias ou semanas a cada vez, tudo em ambientes tão variados e inóspitos, como as montanhas do Afeganistão ou as selvas urbanas de Bagdá.

O mesmo autor afirma que um atirador britânico observou: “Em Basra, éramos os olhos do Exército britânico no solo. Assumiríamos uma posição em um prédio alto e registraríamos o número de soldados inimigos e armas que podíamos ver” (NEVILLE, 2016 p. 32, tradução nossa⁴). Um atirador de elite do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, instrutor, concordou: “Um militar será capaz de relatar qualquer que seja o caso, mas aquele fuzileiro naval, observando através daquela ótica, será capaz de distinguir alguém que parece nervoso ou deslocado” (NEVILLE, 2016, p. 32, tradução nossa⁵).

Porém, alguns atiradores veteranos consideram seu papel cinético ainda o principal, como argumentou um instrutor de atirador da 36ª Divisão de Infantaria do Exército dos EUA:

³ Today's sniper is far from the grim-faced loner of innumerable World War II films who haunts the enemy front line, notching up kills on his rifle stock. Instead, many would argue that the sniper's real role, and his most valuable one, is as a reconnaissance asset (NEVILLE, 2016, p. 32).

⁴ “In Basra, we were the British Army's eyes on the ground. We would take up a position in a tall building and log the number of enemy soldiers and weapons we could see” (NEVILLE, 2016 p. 32).

⁵ “A UAV is going to be able to report vehicles or whatever the case may be but that Marine on the ground observing through those optics is going to be able to make out somebody who seems nervous or seems out of place” (NEVILLE, 2016, p. 32).

A primeira missão deles é fornecer dados de precisão de longo alcance, em qualquer lugar de 600 a mais de 1000 jardas. Nossa segunda missão é observar e relatar o que vemos no campo de batalha ao comandante. Se o alvo se apresentar, nós, então, enfrentamos e nos livramos dele (NEVILLE, 2016, p. 33, tradução nossa⁶).

Quando os atiradores disparam, eles têm um efeito desproporcional no campo de batalha. Em termos de impacto puramente tático, uma única equipe de atiradores pode suprimir uma força muito maior, geralmente por longos períodos de tempo. O cenário típico da Segunda Guerra Mundial, era de um franco-atirador bem posicionado, interrompendo o avanço de um pelotão ou de uma companhia de infantaria. Apesar dos avanços na tecnologia e no treinamento, este ainda é o caso na guerra moderna, detendo forças muito maiores.

Comumente, o atirador moderno é designado como um "multiplicador de força". Isto é, quando adicionado por uma unidade militar, multiplica a eficácia desta no campo de batalha, sendo geralmente desproporcional ao seu tamanho relativo. Um par de atiradores aumenta a letalidade e a distância de combate de uma tropa, assim como fornece uma capacidade de combate não adquirida de outra forma.

Como será visto mais adiante neste capítulo, o efeito de multiplicação de força fornecido por atiradores no Iraque e no Afeganistão levou diretamente à implementação de um programa para desenvolver o que viria a ser conhecido como atiradores designados.

3.2 A DOCTRINA CANADENSE PARA O EMPREGO DO *SNIPER*

Neste subcapítulo, são fornecidas informações relevantes sobre a doutrina canadense, no tocante ao emprego do caçador, e aborda-se os temas tratados com o com o 2º Sgt Jeancarlo durante a realização da entrevista.

De acordo com o entrevistado, a Doutrina Estratégica, Operacional e Tática das Forças Armadas Canadenses é compatível com a dos seus aliados da Organização

⁶ Their first mission is to provide long-range precision fire, anywhere from 600 yards to over 1,000 yards. Our second mission is to observe and report what we see on the battlefield to the commander. If the target presents itself, we then engage and get rid of it (NEVILLE, 2016, p. 33).

do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Devido à estrutura semelhante e a grande possibilidade de participar de Forças de Coalizão, o Canadá é um ativo participante no desenvolvimento de doutrina, com as Forças Armadas dos EUA, do Reino Unido, da Austrália e da Nova Zelândia (*Five Eyes Community*).

Mais recentemente, no ano de 2017, um *sniper* canadense ganhou fama mundial, sendo retratado em alguns sites internacionais, quando quebrou o recorde de distância em um tiro de precisão em combate, conseguindo abater um combatente do Estado Islâmico a 3,5 quilômetros de distância, no Iraque. De acordo com Fife (2021) o militar das Forças Especiais interrompeu um ataque dos insurgentes sobre as forças de segurança iraquianas com um disparo preciso.

No Canadá, geralmente, os *snipers* são empregados em destacamentos de quatro homens, podendo, ao chegar à posição final de tiro, em situações excepcionais, serem divididos em duplas. A missão principal das equipes é o tiro preciso e seletivo e a secundária é a coleta de inteligência na área de operações, principalmente sobre o terreno, o inimigo e a meteorologia.

Os *snipers* também têm condições de conduzir fogos de apoio de artilharia, aéreo e naval. Na maioria das operações, os destacamentos de *snipers* infiltram-se antes das tropas apoiadas, utilizando helicópteros como meio mais comum de infiltração.

Pelo fato de existirem quatro equipes de *snipers* por Batalhão, nas operações empregam-se no máximo três no terreno, em apoio às SU, e mantêm-se uma equipe em reserva, na base. O emprego destas equipes pode ocorrer sob comando centralizado do Comandante do Batalhão, passar em apoio direto ou reforço às SU, sendo esta última a situação mais frequente.

3.3 A DOCTRINA NORTE AMERICANA PARA O EMPREGO DO SNIPER, ESPECIFICAMENTE NO MOVIMENTO RETRÓGRADO

Carvalho (2020) especifica que no Exército Americano:

[...] existe um especialista orgânico da Esquadra de Fuzileiros (4 homens, comandados por um cabo) ou Grupo de Combate (de 9 a 11 homens comandados por um 3º Sargento) que na língua inglesa é chamado de “*Squad Designated Marksman*” (SDM) ou algo como “atirador de elite designado”. Este título existe para claramente diferenciá-lo de “*Sniper*”. O segundo termo (*Sniper*) é associado a um conjunto de habilidades que vão muito além de atirar com precisão em alvos distantes e incluem reconhecimento, comunicações e ligação. Existe uma escola para formação de *snipers* no Exército Americano, já para SDM, o que existe é um manual (U.S. Army Field Manual 3-22.9 Rifle Marksmanship, U.S. Dept. of the Army 2003), o que claramente mostra a diferença de preparo e status dos dois combatentes dentro daquela Força Armada.

De acordo com o Manual de Treinamento e Emprego do *Ssniper* dos EUA (EUA, 1989, p. , tradução nossa), este *sniper* pode, durante um movimento retrógrado, ao utilizar seu armamento contra a tropa inimiga, fazê-lo empregar seus meios prematuramente, fazendo-a perder tempo. Afirma ainda que o combate em área urbana facilita o emprego do *sniper* neste tipo de operação, pois por possuir maior número de obstáculos artificiais do que em ambiente operacional tradicional, existe maior número de posições cobertas e abrigadas para os atiradores.

Nas principais atividades da Função de Fogos nessa operação defensiva, o *sniper* deve eliminar elementos de reconhecimento inimigo, engajar comandantes de viaturas blindadas, eliminar elementos em postos de observação, atirar sobre a ótica dos veículos para diminuir sua velocidade e atirar sobre U em deslocamento sobre veículos blindados. Este tipo de missão, realizada por esses atiradores de elite, possui um efeito psicológico reverso sobre a tropa inimiga.

Quanto à Função de Combate Inteligência, o *sniper* deve estar apto a, além de observar, refletir ao escalão superior o que realmente está acontecendo em determinado momento, devendo utilizar-se, inclusive, anotações para não esquecer informações. Tais anotações englobam posicionamento global, grupo data hora, quem está sendo observado, o que está sendo observado, distância da sua posição, etc. Este tipo de missão realizada pelos *snipers* possui um impacto maior para o decurso da operação, pois revela alvos de maior importância.

3.4 NOVO AMBIENTE OPERACIONAL MUNDIAL

O conhecimento das técnicas e táticas militares adquiridos ao longo das gerações não se perde, porém, a forma de combater nem sempre pode ser replicada a todo momento, assim como nem sempre o que já deu certo pode se replicar.

Para White (1996, p. 15 apud MIRANDA, 2009, p. 6),

[...] é certo que as doutrinas tradicionais e as capacidades militares implementadas pelos EUA na Guerra do Golfo foram importantes para o tipo de conflito que se estava a travar, a ameaça convencional. Contudo, essa doutrina não foi tão receptiva no conflito da Somália, por exemplo, pois o ambiente predominante neste Teatro de Operação era incerto e característico de uma ameaça representada pelas guerras irregulares.

Segundo Veloso (2007), na caracterização do novo ambiente operacional, “[...] o principal ingrediente estratégico parece ser a assimetria associada a um elevado grau de imprevisibilidade, tornando cada vez mais difícil a correta identificação, caracterização e localização das ameaças e riscos”.

3.5 GUERRA AO TERROR

Segundo a *Army Sniper Association* (tradução nossa⁷), após os ataques terroristas aos edifícios do *World Trade Center*, cuja autoria foi atribuída ao grupo terrorista Al- Qaeda, comandada por Osama Bin Laden, os militares dos EUA entraram em operações de combate no Afeganistão sob a Operação *Enduring Freedom*. Os atiradores de elite provaram ser um recurso inestimável, devido à sua capacidade de atacar alvos a grandes distâncias em um campo de batalha montanhoso.

Logo depois, com a queda do Talibã, começou a Operação *Iraqi Freedom*. Mais uma vez, os atiradores do Exército Americano estavam em alta demanda,

⁷ Following the terrorist attacks on the World Trade Center buildings, the U.S. military entered into combat operations in Afghanistan under Operation Enduring Freedom. *Snipers* proved themselves as an invaluable asset due to their ability to engage targets at great distances in a mountainous battlefield. Soon after O.E.F. and the fall of the Taliban, Operation Iraqi Freedom commenced. Again, *Army snipers* were in high demand mainly due to their abilities to use precision fire to engage high value targets, to destroy Vehicle and Suicide-borne Improvised Explosive Devices. *Snipers* also provide over watch with their high powered optics (day/night) and demoralize the enemy forces. Coalition *snipers* are the most hunted soldiers on today's modern battlefield. Currently *Army Snipers* are deployed: Kosovo, Bosnia, Egypt, South America, Africa and Korea (ARMY SNIPER ASSOCIATION).

principalmente devido às suas habilidades de usar fogo de precisão para engajar alvos de alto valor, para destruir veículos e dispositivos explosivos improvisados suicidas. Os atiradores de elite também fornecem vigilância com sua ótica de alta potência (dia/noite) e desmoralizam as forças inimigas. Os *snipers* são os soldados mais caçados no campo de batalha moderno de hoje. Atualmente, esses atiradores estão implantados em Kosovo, Bósnia, Egito, América do Sul, África e Coreia.

3.5.1 Teatro de Operações do Afeganistão

Quanto ao ambiente operacional, de acordo com Borges (2006), o Afeganistão é um país muito montanhoso, com predomínio de planaltos e montanhas que chegam a ultrapassar 7.000 metros de altitude. O ponto mais elevado do país é Nowshak, no Nordeste da zona fronteiriça, com 7.485 metros, no entanto, o país encontra-se, predominantemente, entre os 600 e os 3.000 metros de altitude.

Com o conhecimento do terreno, um *sniper* pode oferecer informações a um Pelotão, SU ou U, melhorando sua capacidade de reconhecimento e meios de combater o atirador inimigo diretamente. Existe, assim, uma ligação entre a tropa e o *sniper*, na qual um complementa o outro.

O autor citado afirma que o Exército Português, por exemplo, utilizou seus *snipers* no Afeganistão, realizando as seguintes missões: segurança de perímetro, já que, em algumas situações, o inimigo formava pequenos grupos, com objetivo de executar emboscadas; observação e detecção de pessoal ou material suspeito, sempre que os comandos se deslocavam para zonas urbanas; e o monitoramento e controle de regiões de interesse e pontos de ligação.

Segundo Garcia (2003, p. 1.122), o conflito no Afeganistão:

[...] é uma guerra sem frentes nem retaguarda, flexível, e que pode expressar a sua violência através de guerrilha, terrorismo... crime organizado, etc., depende muito da imaginação e da força de vontade do adversário.

Sobre este tema, Tomé (2004, p. 167) complementa ao afirmar que:

[...] a guerra assimétrica pode ser considerada a arma dos fracos [...] a utilização de métodos que recusam a guerra convencional [...] a escolha de

alvos e locais de combate imprevisíveis e mais dificilmente controláveis [...] o efeito surpresa.

Dessa forma, pode-se considerar que a adaptação ao terreno e ao inimigo torna essa guerra extremamente complexa e, da mesma forma, a atuação dos *snipers* teve que se moldar durante o decorrer das batalhas.

O *sniper* do Exército Americano foi empregado em diferentes atividades no Afeganistão. O caso do atirador de elite da Marinha Americana, Chris Kyle, é o mais conhecido e foi transformado no filme “O *Sniper* Americano”. Neste, o foco são o número de mortes realizadas e a dificuldade para se identificar o indivíduo como inimigo ou civil inocente, inclusive com a utilização de crianças pelo grupo terrorista Talibã.

Porém, como mencionado anteriormente, o trabalho do *sniper* na Função de Combate Fogos acaba tendo, em alguns casos, menos importância do que as informações relevantes sobre o inimigo, traduzidas aos escalões superiores, tais como: reconhecimentos detalhados de posições fortificadas; identificação e localização de alvos altamente compensatórios como líderes políticos e militares; verificação de diferentes comportamentos da tropa inimiga; condução e correção de fogos indiretos e aéreos; e acompanhamento das principais atividades inimigas.

A partir de 2006, o conflito no país em questão tornou-se uma verdadeira guerra de *sniper*, já que, diante do terreno altamente compartimentado, formado pelas imensas montanhas afegãs, na busca incessante pelo esconderijo de Osama Bin Laden, os *snipers* da coalizão (EUA, Iraque e Reino Unido, inicialmente) enfrentavam os atiradores locais, acostumados com o ambiente operacional. Estes, inclusive, foram os maiores causadores de baixas ao Exército Norte-Americano.

3.5.2 Teatro de Operações do Iraque

O Iraque também foi alvo das tropas da coalizão após o ocorrido em 11 de setembro. A quantidade restrita de infraestrutura no país tornava a logística dos invasores prejudicada e o grande número de cavernas e montanhas íngremes dificultavam a progressão e aumentavam o número de emboscadas. Mesmo assim,

os Exércitos Americano e Britânico, os primeiros a adentrarem no Iraque, eram muito superiores em pessoal e material.

Long (2006, tradução nossa⁸) estabelece que:

As forças dos EUA, com certeza, tiveram poucos problemas para devastar o exército iraquiano convencional. Eles tiveram menos sucesso, no entanto, em esmagar os adversários que não usavam trajes militares, ou seja, os que atiravam através de buracos da fechadura e que são conhecidos pela população por terem diversas mortes confirmadas. Os EUA eram obrigados a interromper suas ações após o impacto de um franco atirador, pois um tiro de contra *sniper* deveria ser realizado, ataques de flanco desencadeados, os feridos cuidados e os mortos tirados de cena. [...] por mais treinados que as tropas americanas fossem, a simples presença de um *sniper* inimigo, causava uma influência psicológica muito negativa à tropa.

Após a captura do então presidente iraquiano Saddam Hussein, em 2003, as tropas americanas sofreram com o grande número de *snipers* inimigos. Estes não faziam parte do exército convencional iraquiano, eram, sim, a própria população, incomodada com a presença estrangeira em seu território e com combatentes guerrilheiros estrangeiros.

Até então, os *snipers* americanos eram empregados: em ações de reconhecimento de itinerários, localidades, e pontos; segurança de autoridades, alvos compensatórios e de tropa, sendo olhos e ouvidos desta; monitoramento de regiões de interesse; e abate de alvos altamente compensatórios e de franco-atiradores. Esta última ação tornou-se primordial, já que a tropa americana ficara extremamente receosa com os possíveis disparos inimigos frente ao grande número de baixas até então registradas. Assim foi durante todo o conflito.

Integrando a coalizão, como principal interessado e com o maior efetivo em território iraquiano, os EUA utilizaram seus *snipers* dentro das cidades, como por exemplo em Fallujah, na tentativa de impedir o avanço dos insurgentes para o interior. De acordo com o *Marine Corps sniper* Ethan Place, Cabo americano que serviu no Iraque em 2004, em entrevista ao repórter Shawn Snow, no artigo *The sniper shortfall:*

⁸ Second, the insurgents are evidently using their strengths to offset superior conventional American military power. U.S. forces, to be sure, have had little trouble devastating the conventional Iraqi army. They have had less success, however, in squashing opponents who do not don military attire; who lie in car boots and shoot at American soldiers through keyholes; and who melt away into the populace after they have scored their kills. U.S. tactical manoeuvres will also most likely be disrupted following a sniper attack. Counter-sniper operations and flanking assaults will have to be unleashed. The wounded will have to be tended to, and the dead cleared from the scene. The psychological impact of the hit, however, will be the most significant. The unnerving screams of a blood-soaked fellow soldier will swiftly destroy the morale of his squad or platoon. Tactical plans will be disordered. And operational aims are likely to be thwarted (LONG, 2006).

Why the Corps could lose its next urban fight (SNOW, 2018), ele e sua equipe conseguiram empurrar completamente o inimigo para trás e limitar seu alcance e movimento, esse que não entendia o quão longe onde eles poderiam atirar.

Enquanto os insurgentes eram mantidos à distância por tiros de precisão, os atiradores dos fuzileiros navais tinham liberdade de movimento nos telhados de Fallujah, abrindo brechas ou movendo-se através de casas conectadas e de buracos abertos nas paredes da cidade. Para os atiradores e seus observadores, era “muito fácil se mover para frente e para trás”, afirmou Place. Nós “atirávamos de um esconderijo e nos movíamos para outro” (SNOW, 2018, tradução nossa⁹).

Este tipo de operação, utilizada frequentemente no conflito em voga, demonstra a importância da função de combate fogos atribuída ao atirador de elite, já que este consegue manter o inimigo o mais longe possível, propiciando uma melhor organização das tropas da coalizão para fazer frente aos insurgentes.

3.6 O CAÇADOR INSERIDO NAS FUNÇÕES DE COMBATE

O EB70-MC-10.354 demonstra que o Oficial de Inteligência (S-2) do RC Mec pode empregar a Seç Cçd para buscar dados de inteligência: “Essa seção, enquanto cumpre sua missão precípua de apoio de fogo contra alvos críticos para o regimento, pode colaborar com o sistema de inteligência, observando, coletando e fornecendo informações detalhadas sobre o inimigo” (BRASIL, 2020a, p. 8-8), ou seja, a Seç Cçd é empregada tanto englobada na Função de Combate Fogos quanto na de Combate Inteligência, operando em prol de um RC Mec.

3.6.1 Função de Combate Fogos

De acordo com o Manual de Campanha EB20-MC-10.206 – Fogos (BRASIL, 2015a, p. 1-1), “[...] a função de combate Fogos compreende um conjunto de tarefas

⁹ For snipers and their spotters, it was “very easy to move back and forth,” Place said. We’d “shoot from one hide and move to another” (SNOW, 2018).

e sistemas inter-relacionados que permitem a aplicação e o controle de fogos, orgânicos ou não, integrados pelos processos de planejamento e coordenação” ou seja, uma das possibilidades desta seção seria o emprego para atirar sobre alvos compensadores no ambiente de conflito.

3.6.2 Função de Combate Inteligência

Por outro lado, o Manual de Campanha EB20-MC-10.207 – Inteligência (BRASIL, 2015b, p. 2-1), apresenta que:

a função de combate inteligência compreende o conjunto de atividades, tarefas e sistemas inter-relacionados empregados para assegurar compreensão sobre o ambiente operacional, as ameaças (atuais e potenciais), os oponentes, o terreno e as considerações civis.

Ainda evidencia que esta função de combate “inclui tarefas relacionadas com a Atividade de Inteligência Militar Terrestre propriamente dita, assim como com as de vigilância, reconhecimento e aquisição de alvos” (BRASIL, 2015b, p. 2-1).

3.7 AS CARACTERÍSTICAS DA AÇÃO RETARDADORA

Como elucidado anteriormente, algumas características precípuas são evidenciadas nessa forma de manobra e indicadas como:

Controle centralizado e ação descentralizada: por ser realizada em uma profundidade (distância entre o início e o fim do retardamento) do terreno muito ampla, este tipo de operação requer um controle centralizado das atividades, para que as coordenações feitas entre os elementos subordinados não permitam a penetração, envolvimento ou ultrapassagem das forças inimigas em seu dispositivo. Ao mesmo tempo, por possuir uma frente de combate também ampla, é importante que os comandos dos elementos subordinados tenham a possibilidade de tomar suas decisões em suas respectivas zonas de ação;

Máximo aproveitamento do terreno: ao tentar ganhar tempo na operação, as tropas que realizam uma ação retardadora devem ocupar posições de retardamento, em locais que possuam boas condições defensivas, aproveitando o terreno ao máximo, principalmente rios, que impedem ou dificultam a ultrapassagem inimiga.

Forçar o inimigo a desdobrar e manobrar: para forçar o inimigo a se desdobrar e manobrar, o manual do RC Mec explica que, ao utilizar o alcance máximo de seus fogos indiretos (artilharia e morteiros) e o alcance útil do armamento direto (canhões das viaturas blindadas, dos carros de combate em reforço e dos armamentos anticarro) para engajar o inimigo, este acaba tendo que desdobrar sua tropa e esclarecer a situação antes de recomeçar o movimento. A repetida execução dessa técnica obriga-o a trocar espaço por tempo;

Máximo emprego de obstáculos: outra forma de potencializar o retardamento das tropas inimigas é o máximo emprego de obstáculos, que, ao ocuparem posições batidas por fogos, canalizam e retardam o seu avanço;

Manter o contato com o inimigo: deve-se manter o contato com o inimigo em toda sua realização, pois se este é perdido, a força adversa pode tentar realizar ações de ultrapassagem ou desbordamento. Dessa forma, lança-se elementos de reconhecimento ou de observação frequentemente para manter o contato e conseguir, oportunamente, transmitir as informações ao comando da tropa, evitando, assim, a surpresa; e

Evitar o engajamento decisivo: como o próprio nome diz, a ação retardadora não pretende bloquear ou defender o terreno do inimigo, busca fazer este perder tempo, fazendo-o desdobrar-se diversas vezes no terreno para que chegue à posição defensiva o mais desgastado possível. Se há um engajamento decisivo, a força adversa não está mais sendo retardada e tem a possibilidade de seguir com maior velocidade para aquela posição.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 ETAPAS DA ANÁLISE

Durante as etapas desta pesquisa, buscou-se revisar a doutrina do emprego do caçador ao mesmo tempo em que evidenciou-se o seu emprego real em conflitos atuais, não necessariamente incorporado na forma de manobra em voga, mas sim no intuito de combinar os dados para se chegar a inferências iniciais sobre as possibilidades de emprego do caçador em uma ação retardadora em um RC Mec.

4.2 RESULTADOS

Foram respondidos 31 (trinta e um) questionários sobre o emprego do caçador em uma ação retardadora em um RC Mec. Todos militares e possuidores do estágio de Caçador, tanto o realizado na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) quanto o Estágio de Caçador de Operações Especiais, executado no Centro de Instrução de Operações Especiais (CIOPEsp). Destes militares, 13 (treze) participaram de missões reais, tanto em território nacional quanto internacional, e 2 (dois) realizaram cursos internacionais.

Somente 9 (nove) caçadores estavam cientes da mudança da estrutura organizacional do RC Mec, pela incorporação de uma Seção de Caçadores, dotada de 3 (três) Turmas de Caçadores formadas por 2 (dois) militares, dentro do Pelotão de Comando de um RC Mec. Porém, 21 (vinte e um) integrantes da amostra realizaram exercícios relacionados a uma ação retardadora.

Sobre as Turmas de Caçadores em um RC Mec, 10 (dez) militares acreditam que são melhor empregadas em ação ao conjunto, configuração utilizada quando esta se encontra centralizada a comando do Comandante do Regimento. O restante dos entrevistados compreende que seria mais benéfico passá-las em reforço, descentralizando, para os Comandantes de Esquadrão, o comando de cada Turma. Em relação à passá-las em apoio direto, a IP-21-2 afirma que o emprego dos caçadores em apoio direto não é normal, devido ao pequeno efetivo da Turma e às peculiaridades dessa forma de emprego.

Quando questionados sobre a possibilidade de se empregar o caçador no tiro de longo alcance para fazer o inimigo se desdobrar o mais distante possível e perder tempo na operação militar, atividade de grande importância em uma ação retardadora, 24 (vinte e quatro) concordaram plenamente, 6 (seis) concordaram e 1 (um) discordou.

Nesse mesmo sentido, de fazer o inimigo se desdobrar, quando questionados sobre quais elementos inimigos julgaram ter maior importância para realizar um tiro de precisão, 13 (treze) disseram ser elementos de reconhecimento, 7 (sete) optaram por caçadores, 5 (cinco) entenderam que as equipes operadoras de Radar de Vigilância Terrestre (RVT) e Aeronave Remotamente Pilotada (ARP) eram mais importantes, 3 (três) acreditaram que os observadores avançados são alvos mais vantajosos e 4 (quatro) consideraram outros elementos mais adequados.

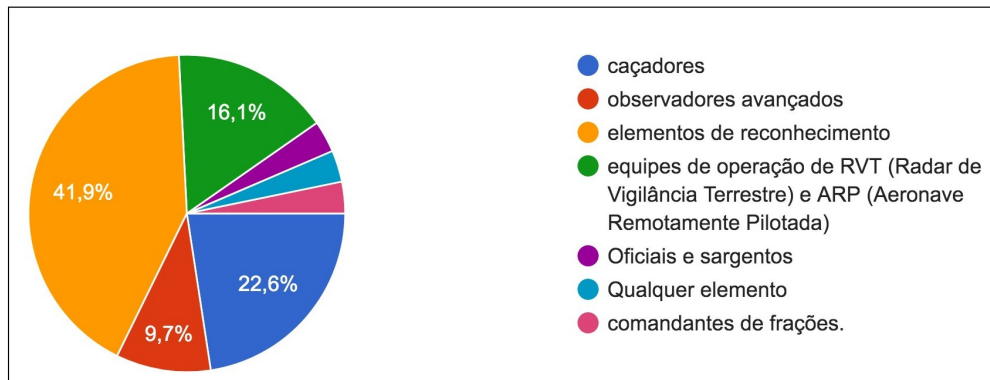


Gráfico 1 – Elementos inimigos mais importantes para tiro de precisão
Fonte: O autor

Quanto à importância do Caçador na correção e na condução de tiros indiretos em uma ação retardadora, 19 (dezenove) caçadores acreditaram ser “muito importante”, 10 (dez) “importante” e 2 (dois) “pouco importante”.

Quanto à avaliação da capacidade do Caçador de realizar busca de alvos, em uma situação de ação retardadora, 24 (vinte e quatro) acreditaram ter “grande capacidade”, 6 (seis) “média capacidade” e 2 (dois) ter “pouca capacidade”.

Sobre a capacidade do Caçador avaliar distâncias com precisão, em uma situação de defesa em uma ação retardadora, 21 (vinte e um) acreditaram ter “grande capacidade”, 8 (oito) “média capacidade” e 2 (dois) ter “pouca capacidade”.

No sentido de analisar a importância do Caçador no monitoramento de regiões de interesse para a Inteligência (RIPI), em uma situação de ação retardadora, 27 (vinte e sete) acreditaram ser “muito importante”, 3 (três) “importante” e 1 (um) ser “pouco importante”.

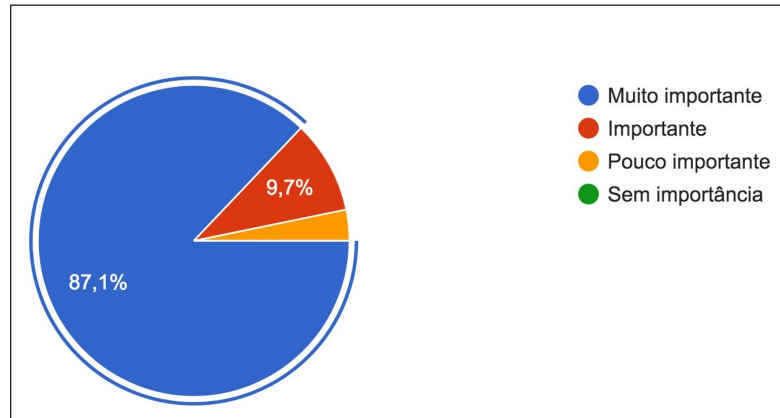


Gráfico 2 – Importância do Caçador no monitoramento de regiões de interesse para a Inteligência

Fonte: O autor

Sobre a capacidade da Seç Cçd para coletar de dados e informes sobre o inimigo e o terreno em uma ação retardadora, englobado na função de combate inteligência, 23 (vinte e três) acreditaram ter “grande capacidade”, 7 (sete) “média capacidade” e 1 (um) acreditou ter “pouca capacidade”.

Sobre como avaliam a utilização do caçador como elemento de reconhecimento em uma ação retardadora, 17 (dezessete) responderam como sendo “muito importante”, 8 (oito) como “importante”, 5 (cinco) “pouco importante” e 1 (um) “sem importância”.

De forma bastante equilibrada, 16 (dezesseis) participantes afirmaram que a Função de Combate Fogos foi mais treinada e exigida durante o estágio de Caçador, em relação a 15 (quinze) que mencionaram a Função de Combate Inteligência. Porém, entre essas funções de combate, 25 (vinte e cinco) acreditaram que a de Combate Inteligência tem maior importância com a utilização da Seç Cçd.

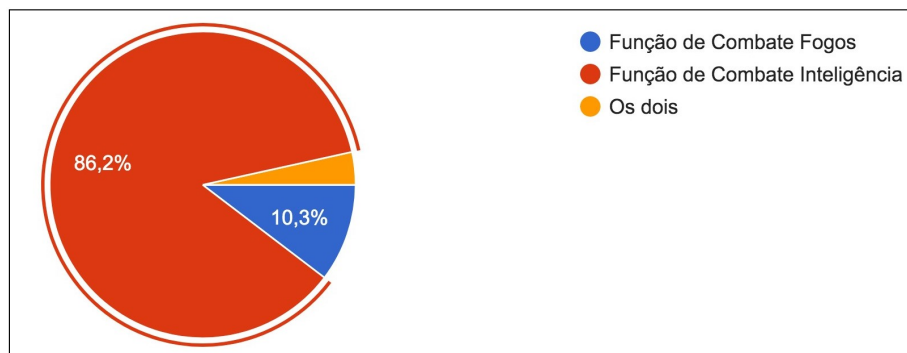


Gráfico 3 – Função de maior importância com a utilização da Seção de Caçadores
Fonte: O autor

4.3 INTERPRETAÇÃO E COMPARAÇÃO DOS DADOS COLETADOS

Quanto ao questionamento sobre a condução e a correção de tiro realizada pelo Caçador, percebe-se, na literatura, que o atirador de elite pode ser empregado em PO para avaliar o movimento do inimigo. Esses podem ser empregados em conjunto com equipes de morteiros, orientando os fogos enquanto observam o movimento inimigo, permitindo que os eliminem sem revelarem suas posições. Isto alinha-se ao entendimento dos participantes do questionário, quando demonstram ser grande a importância do franco-atirador em missões de condução e de correção de fogos indiretos, podendo ser realizados por morteiros médios e pesados, artilharia de campanha e até mesmo por meios aéreos.

A utilização do Caçador como vetor de força na captação de alvos e na condução e correção desses fogos se reveste de importância, principalmente porque consegue aliar a função de combate inteligência, informando ao escalão superior dados sobre o inimigo, e a função de combate fogos, na destruição desses alvos, sem necessidade de expor sua posição.

Ao responderem que há grande capacidade dos Caçadores em observar e coletar informes sobre o inimigo, os integrantes da amostra desta pesquisa revelaram seu entendimento sobre o cerne da função de um atirador de elite.

Corroborando com essa concepção, um oficial australiano que participou da campanha no Afeganistão, citado no livro *One Shot Kills: A History of Australian Army Sniping*, comentou sobre o valor de seus atiradores nesse contexto, no ano de 2010:

[...] meus atiradores eram um importante multiplicador de força. Não era apenas em sua pontaria que eu confiava; era também seu valor como um ativo de inteligência e sua capacidade de detectar mudanças no ambiente complexo em que operávamos (WAHLERT E LINWOOD, 2014, p. 72).

De acordo com o livro *Modern Snipers* (NEVILLE, 2016, p. 107, tradução nossa¹⁰):

¹⁰ The sniper overwatch mission was perhaps the most common of the sniper operations in Afghanistan. Overwatch is simply to maintain a position of vigilance over an area or over another Coalition unit. Snipers would deploy on sniper overwatch to provide both early warning of insurgent intentions and also precision supporting fires once those enemy intentions were confirmed. Sniper overwatch could be conducted from a static hide site, either in the field or from a HESCO bunker at a Coalition PB or FOB. It could also be provided from the air or alongside an infantry patrol with the snipers covering their next move or bound (NEVILLE, 2016, p. 107).

A missão de vigilância realizada por atiradores foi, talvez, a mais comum das operações de atiradores no Afeganistão. Vigiar é simplesmente manter uma posição de vigilância sobre uma área ou sobre outra unidade da coalizão. Os franco-atiradores seriam implantados em vigília de atirador para fornecer um alerta antecipado das intenções dos insurgentes e também uma resposta de apoio de fogo de precisão, uma vez que as intenções inimigas fossem confirmadas. A vigilância do atirador era conduzida a partir de um esconderijo estático. Esse também podia ser empregado para cobrir o movimento da tropa, tanto no deslocamento para frente quanto para trás, retraindo.

Dessa forma, a coleta de dados sobre o inimigo e o terreno possui significativa importância no contexto da ação retardadora, já que o monitoramento de RIPI garante ao comandante da tropa o conhecimento prévio das intenções da força adversa, oferecendo-lhe a possibilidade de dispor suas tropas mais adequadamente à formação inimiga.

Englobado no entendimento de que o caçador não deve realizar mais de um tiro da mesma posição, devido à provável identificação de sua localização, o monitoramento de RIPI realizado por esse especialista, por estar próximo às ações inimigas, deve estar coberto por fogos amigos, ou seja, dentro do alcance de utilização de fogos indiretos, e em posições que ofereçam possibilidades de rápida evacuação, quando descoberto.

O Exército Português designa um oficial para realizar a ligação entre as turmas de caçadores e a U enquadrante, para ser responsável pelo comando e controle, além de assessorar o comandante na correta utilização destes elementos, treiná-los e ser o responsável por emitir as ordens da missão. Há de se considerar que no país em questão, o *sniper* está organizado dentro de um Pelotão em um Batalhão de Forças Especiais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES

As capacidades do caçador em uma ação retardadora se baseiam no seu emprego em duas funções de combate distintas, porém possivelmente complementares: Fogos e Inteligência. A primeira pode ser encontrada quando o atirador dispara sobre alvos compensadores, de acordo com a diretriz do comandante enquadrante, seja com o intuito de realmente eliminar um alvo importante para o

decorrer da operação ou para fazer o inimigo se desdobrar no terreno para esclarecer a situação e acabar perdendo tempo, objetivo principal em uma ação retardadora.

Vale lembrar que é muito improvável que um ou mais tiros de um *sniper* ou de um caçador conseguirá interromper o movimento de uma Grande Unidade (GU), mas pelas características desta forma de manobra, seria mais factível a interrupção do deslocamento de pequenos efetivos que estivessem realizando reconhecimento ou observadores avançados. No combate moderno, dependendo do ambiente operacional, a vantagem na guerra de *snipers* pode ser primordial para que a tropa possa manter sua liberdade de manobra.

O emprego da Seç Cçd em um RC Mec ainda parece estar em processo de compreensão e transição, já que foi há pouco incorporado nesse tipo de Organização Militar, e o EB não possui doutrina vigente embasando tática, técnica e juridicamente tal especialidade nesse contexto. O problema aumenta quando se trata de sua utilização em uma operação do tipo movimento retrógrado e forma de manobra ação retardadora, na qual nem mesmo os exércitos mais desenvolvidos do mundo possuem tal prática, pois dificilmente executam operações defensivas.

Como primeira inferência deste trabalho, tem-se que o emprego da seção de caçadores em um RC Mec em qualquer tipo de operação, principalmente em uma ação retardadora, vem do conhecimento prévio dos comandantes sobre as características, as possibilidades e as limitações de tal seção. O desconhecimento do assunto subemprega o caçador e faz com que não alcance o máximo de sua capacidade operacional.

Após a realização de toda a revisão literária, com o apoio dos questionários respondidos por militares possuidores do Estágio de Caçador, assim como da entrevista com o 2º Sgt Jeancarlo, constatou-se que a utilização das turmas de atiradores monitorando RIPI tem relevância muito grande durante uma ação retardadora, pois, além de proporcionar ao comando da operação informações relevantes e oportunas sobre as forças adversas, não expõe as turmas de atiradores e ainda consegue guiar e corrigir fogos sobre frações inimigas. Dessa forma, as Funções de Combate Fogos e Inteligência são integradas ao empregarem o caçador nesta missão específica.

Uma turma de caçadores, por si só, já é capaz de abastecer o escalão enquadrante com informações valiosas para o bom transcurso do combate e, quando complementada com os elementos da Seção de Vigilância Terrestre e Observação

(SVTO), potencializa a obtenção de dados e municia o comando das operações para que sejam tomadas as melhores decisões. Por isso, essa combinação tende a ser muito valiosa e deveria ser praticada e explorada dentro dos Regimentos.

Como visto anteriormente, de acordo com a IP 21-2 (BRASIL, 1998), não seria interessante passar as turmas de caçadores em apoio direto às SU, porém, verifica-se que, apesar da Seção de Caçadores estar enquadrada dentro do RC Mec, o comandante desta fração é quem possui o maior conhecimento sobre as técnicas, táticas e procedimentos (TTP) da seção e quem melhor conhece seus subordinados diretos. Dessa forma, tanto o emprego em Ação de Conjunto ao Regimento, como em Reforço ou em Apoio Direto ao Esquadrão, podem ser realizados, dependendo sempre das peculiaridades de cada missão e da análise do militar comandante da Seção de Caçadores, assessorando o Comandante do Regimento e não devendo ser padronizada apenas uma forma de emprego.

Nesse contexto, o Exército Americano emprega os *snipers* isolados, porém em contato rádio com o escalão mais alto da operação por um canal e com a fração mais próxima em outro. Vale ressaltar que as tropas de menor valor possuem, em seus quadros, alguns atiradores designados, os *Marksmen*, desta forma, há maior proteção da tropa por existir um apoio de fogo próximo e eficaz, com a utilização dos *snipers* mais isolada e com funções mais evidenciadas na função de combate inteligência.

Através da entrevista realizada no presente trabalho, os comandantes dos destacamentos de *snipers* no Canadá, mesmo sendo Sargentos, possuem ligação direta com os comandantes da U, para entender corretamente a missão a ser realizada pelo Batalhão e poder assessorar quanto a melhor estratégia de emprego de sua equipe.

A ação retardadora é uma forma de manobra na qual uma tropa, sob pressão, troca o mínimo de espaço pelo máximo de tempo. Nesse sentido, forçar o inimigo a se desdobrar no terreno e ter que esclarecer a situação após um disparo de um caçador sobre um alvo compensador parece vantajoso, e realmente é, porém, a função desse elemento neste tipo de operação não pode ser resumida a esta atividade.

A capacidade da Seç Cçd vai muito além de atirar com precisão, pois pode realizar reconhecimentos diversos, observação avançada, monitoramento de RIPI, podendo empregá-la em conjunto com as Aeronaves Remotamente Pilotadas categorias 0 e 1, orgânicas da SVTO, condução e correção de tiros curvos de

morteiros médios e pesados, Artilharia de Campanha, e fogos aéreos. Por essas possibilidades o Caçador é reconhecido como multiplicador de força.

Ao analisar o emprego do *sniper* nos conflitos atuais, infere-se também que, por ser empregado em uma ação retardadora, em terreno inóspito, longe do grosso da tropa, próximo ao inimigo, as turmas de caçadores poderiam ser formadas por quatro militares e não por dois. De acordo com a organização das equipes de *snipers* de países que estiveram em combate recentemente, o emprego de equipes de caçadores em duplas não é o ideal, pois compromete principalmente a segurança em virtude de, na maioria das vezes, as equipes se infiltrarem antes e atuarem de maneira isolada no terreno. Além dos quatro integrantes, podem receber grupos de combates em reforço para situações nas quais o fator segurança é crítico.

REFERÊNCIAS

ARMY *SNIPER* ASSOCIATION. History of the Army *Sniper* Association. **Army Sniper Association** Columbus, GA. Disponível em: www.armysniperassociation.org/about/history/. Acesso em:

BRASIL. MINISTÉRIO DA DEFESA. EXÉRCITO BRASILEIRO. COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES. **EB70-MC-10.354**: Regimento de Cavalaria Mecanizado. 3. ed. Brasília, 2020a.

BRASIL. MINISTÉRIO DA DEFESA. EXÉRCITO BRASILEIRO. COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES. **EB70-MC-10.202**: Manual de Operações Ofensivas e Defensivas. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. **EB20-MC-10.206**: Fogos. Brasília, DF, 2015a.

BRASIL. MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. **EB20-MC-10.207**: Inteligência. Brasília, DF, 2015b.

BRASIL. EXÉRCITO BRASILEIRO. **EB 10-P-01.007**: Plano Estratégico do Exército 2020-2023. Brasília, 2020b.

BRASIL. MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. **IP 21-2**: Instruções Provisórias - O Caçador. Brasília, 1998.

BORGES, Pires. **Os Snipers e a Forças Nacionais destacadas no Afeganistão**. 74 f. 2008. Trabalho de Investigação Aplicada – Academia Militar, Curso de Infantaria. Lisboa, ago. 2008. Disponível em: comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/8063/1/TIA%20-%20Final.pdf. Acesso em:

CARVALHO, João. **O Sniper nas Operações de Reconhecimento**. 2009. 70 f. Trabalho de Investigação Aplicada – Academia Militar, Curso de Cavalaria. Lamego, 2009.

CENTRO DE INSTRUÇÃO DE OPERAÇÕES ESPECIAIS - CIOE. **Manual Sniper**. Lamego: CIOE, 2004.

DA SILVA, Anderson Carneiro et al. Emprego do Caçador no apoio à pequena fração no ataque à localidade. **O Adjunto**, vol. 3, n. 1, p. 85-95, 2015.

DE CARVALHO, Eduardo Atem. Emprego de Atiradores de Elite em Conflitos Assimétricos. **Defesanet**, Brasília, mai. 2020. Disponível em: <https://www.defesanet.com.br/doutrina/noticia/36716/Emprego-de-Atiradores-de-Elite-em-Conflitos-Assimetricos/>. Acesso em:

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. DEPARTEMENT OF THE ARMY. HEADQUARTERS. **Field Manual 23-10: Sniper Training**. Washington DC: Department of the Army, 1994.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. DEPARTEMENT OF THE ARMY. HEADQUARTERS. **Field Manual 3-05.222: Special operations sniper training and employment**. Virginia, US: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2017.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. DEPARTEMENT OF THE ARMY. HEADQUARTERS. **TC 23-14: Sniper Training and Employment**. Washington, DC: Department of the Army, 1989.

FIFE, Robert. Canadian elite special forces *sniper* makes record-breaking kill shot in Iraq. *The Globe and Mail*, Toronto, CAN, jun. 2021. Disponível em: www.theglobeandmail.com/news/politics/canadian-elite-special-forces-sniper-sets-record-breaking-kill-shot-in-iraq/article35415651/. Acesso em:

GARCIA, Francisco Proença. Tipologias de Guerra. **Triplov Visor Militar**, 2003. Disponível em: www.triplov.com/miguel_garcia/tipologias_de_guerra/outros_tipos.htm. Acesso em:

HASKEW, Michael E. **The sniper at war: from the American Revolutionary war to the present day**. Londres: Amber Books, 2005. 192 p.

LONG, Joey. Low-Intensity Conflicts and *Sniper* Attacks: Lessons from Irac. **RSIS - Nanyang Technological University, Singapore**, 2006. Disponível em: www.rsis.edu.sg/rsis-publication/rsis/882-low-intensity-conflicts-and-sn/#.YNsKm7uSnIU. Acesso em:

MIRANDA, Pedro. **A importância do sniper no novo campo de batalha**. Trabalho de Investigação Aplicada - Academia Militar, Curso de Infantaria. Lisboa, 2009.

Natolochnaya (2014)

NEVILLE, Leigh. **Modern Snipers**. New York, NY: Osprey Publishing, 2016. 338 p.

PEGLER, Martin. **The Military Sniper since 1914**. Oxford, UK: Osprey Publishing, 2001. 64 p.

PLASTER, John L. **The ultimate sniper**. Estados Unidos da América: Paladin Press, 2006. 584 p.

SNOW, Shawn. **The sniper shortfall**: Why the Corps could lose its next urban fight. **Marine Times Corps**, Vienna, VA, nov. 2018. Disponível em: www.marinecorpstimes.com/news/your-marine-corps/2018/11/13/the-sniper-shortfall-why-the-corps-could-lose-its-next-urban-fight/. Acesso em:

TOMÉ, Luís Leitão. Novo Recorte Geopolítico Mundial: uma ordem uni-multipolar, uma grande guerra e o jogo de “contenções múltiplas”. **Nação Defesa**, n. 106, p. 77-119, out./inv., 2003. Disponível em: omum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/1392/1/NeD106_LuisLeitaoTome.pdf. Acesso em:

TZINGUÍLEV, Wladimír. A importância dos Franco Atiradores nas Ações Antiterrorismo, no âmbito da Segurança Pública. **Ceiri News**, fev. 2015. Bulgária, 2015. Disponível em: <https://ceiri.news/a-importancia-dos-franco-atiradores-nas-acoes-antiterrorismo-no-ambito-da-seguranca-publica>. Acesso em: 16 mar. 2021.

VELOSO, Eduardo José Martins. Comando e Controle no emprego das Forças de Operações Especiais. **Revista Militar**, n. 2.464, mai. 2007. Disponível em: www.revistamilitar.pt/artigo/206. Acesso em:

WAHLERT, Glenn; LINWOOD, Russell. **One Shot Kills**: A History of Australian Army Sniping. Newport, NSW: Big Sky Publishing, 2014. 416 p.

ANEXO A – Entrevista

Esta entrevista foi criada no âmbito da elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso que tem como tema “O Emprego do Caçador na Ação Retardadora realizada por um Regimento de Cavalaria Mecanizado”. Este documento é direcionado ao 2º Sargento **Jeancarlo** Catelan Cardoso, que serve no 1º Batalhão de Ações de Comandos (1º BAC/C Op Esp-Goiânia/GO), possui grande experiência no tocante ao emprego do caçador e foi o primeiro militar a realizar o *Advanced Sniper Course* (Curso Avançado de *Sniper*) – Gagetown, New Brunswick/Canadá.

1. Como é a organização estrutural dos *snipers* dentro das Unidades no Canadá?

Cada Batalhão de Infantaria do Exército Canadense possui um grupo de *sniper*, com efetivo total de 18 homens, localizado na companhia de apoio da unidade.

O grupo é dividido em duas seções de oito homens. Cada seção é dividida em duas equipes de quatro *snipers*. O Sgt mais antigo da seção comanda a seção e a primeira equipe; a segunda equipe é comandada por um *Master Corporal* (equiparado a um terceiro Sgt do EB), organização esta que se repete na segunda seção do grupo de *snipers*. No grupo de comando está o comandante do grupo de *snipers* que é o Sgt *Unit Master Sniper* (UMS), o *sniper* mais experiente da unidade e possuidor do Curso Avançado de *Sniper*, e o seu cabo motorista/almojarife. Todos os componentes do grupo de *snipers*, exceto o motorista, possuem a qualificação de *sniper*.

Não há oficiais na célula de *sniper* do Exército Canadense, dessa forma o comandante do grupo trata diretamente com o oficial de operações e com o comandante da unidade sobre os aspectos relacionados com a atividade de caçadores. Nas operações, o comandante do grupo é responsável pelo planejamento, emprego e controle das equipes de *snipers* nas missões, mantendo sempre atualizados tanto o oficial de operações quanto as equipes no terreno sobre o andamento da operação.

No departamento de aquisição de material do Exército Canadense, existe um *sniper* que é o responsável pelo assessoramento na aquisição de materiais, equipamentos, munições e armamentos de precisão.

2. Como é a organização estrutural dos caçadores no 1º Batalhão de Ação de Comandos (1º BAC)?

No Exército Brasileiro, o Destacamento de Reconhecimento de Caçadores (DRC) do 1º BAC é composto por dois grupos de caçadores com nove integrantes. Cada grupo é dividido em duas equipes de quatro militares (Sgt Caçador, Sgt Observador, Cabo/Soldado auxiliar de comunicações, Cabo/Soldado auxiliar de saúde). O comandante do grupo é um tenente possuidor do Estágio de Caçador de Operações Especiais, e o comandante do DRC é um Capitão possuidor do Curso de Forças Especiais e do Estágio de Caçador de Operações Especiais. No Batalhão de Forças Especiais, o 5º DoFEsp é a fração especializada no tiro de precisão com a constituição peculiar de um Destacamento de Operadores de Forças Especiais.

Nas tropas regulares do nosso Exército, é previsto uma turma de caçadores por Batalhão de Infantaria subordinada ao Grupamento (Gp) do S/3. Essa turma é composta por duas equipes com dois militares cada (3º Sgt Caçador e 3º Sgt Observador). O Sgt) mais antigo é o comandante da Turma de Caçadores e o S/3 é o responsável pelo assessoramento e emprego dos caçadores nas operações. Porém, em muitos Batalhões, por razões de efetivo e material, essa Turma de Caçadores não existe.

3. Como é a Instrução Militar e Adestramento dos *snipers* no Canadá?

Os *snipers* no Exército Canadense ocupam somente a função de *sniper*, o adestramento segue um plano contínuo. São realizados adestramentos dentro da fração e também adestramentos conjuntos com as SU apoiadas (Infantaria e Cavalaria). Os exercícios no terreno geralmente são longos, com treinamentos mais próximo do real possível.

Os adestramentos no terreno visam o aprimoramento do conhecimento técnico e tático da equipe de *snipers* e também a coordenação e controle entre o comandante do grupo/escalão superior/meios de apoio (QRF “Força de reação”, artilharia, aviação, meios de infiltração, engenharia, SU apoiada, outras tropas no terreno) e comandante do grupo/destacamento de *snipers*.

4. O Sr. poderia explanar sobre a Dotrina Militar em relação a essa atividade no Exército Canadense?

A Doutrina Estratégica, Operacional e Tática das Forças Armadas Canadenses é compatível com a doutrina dos seus aliados da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Devido à estrutura semelhante e a forte possibilidade de participar em Forças de Coalisão, o Canadá é um ativo participante no desenvolvimento de doutrina com as Forças Armadas dos EUA, do Reino Unido, da Austrália e da Nova Zelândia (*Five Eyes Community*).

Os *snipers* são empregados geralmente em destacamentos de quatro homens, podendo, ao chegar à posição final de tiro, em situações excepcionais, ser divididos em duplas. A missão principal das equipes é o tiro preciso e seletivo e a missão secundária é a coleta de inteligência na área de operações, principalmente do terreno, do inimigo e da meteorologia. Os *snipers* também têm condições de conduzir fogos de apoio de artilharia, aéreo e naval. Na maioria das operações, os destacamentos de *snipers* infiltram antes das tropas apoiadas, usando helicópteros como meio mais comum de infiltração.

Pelo fato de existir quatro equipes de *snipers* por batalhão, nas operações empregam-se no máximo três equipes no terreno apoiando as SU e mantêm-se uma equipe em reserva na base.

5. Qual o material empregado pelos *snipers* canadenses?

As equipes de *snipers* do Exército Canadense usam como fuzil de precisão antipessoal o fuzil C-14 Timberwolf, fabricado atualmente pela *PGW Defense*. Esse fuzil possui calibre .338 Lapua e Luneta Schmidt & Bender PM II 5-25X56.

O fuzil antimaterial é o C-15 McMillan Tac 50, fabricado pela McMillan. Possui Calibre 12.7 x 99 milímetros (mm), alcance útil de 1.800 metros e é equipado com supressor de ruídos e luneta Schimdt & Bender PM II 5-25X56.

O armamento de defesa pessoal é o Fuzil C7 (similar ao M16) ou o C8 (similar ao M4). Ambos possuem calibre 5.56 mm, são equipados com supressor de ruídos e mira óptica Elcan C79A2 3.4X28 de magnificação. Possuem alcance médio de 400 metros. Cada homem possui também uma pistola 9 mm com supressor de ruídos. Cada equipe possui também uma metralhadora (C9) 5.56 mm Minimi.

Para o próximo ano, o Exército Canadense adquiriu o Fuzil Multicalibre Remington MSR com canos de calibre 7,62 mm NATO e .338 Lapua Magnum. Esse sistema de armas irá substituir o Fuzil C-14 Timberwolf.

As equipes possuem o sistema de observação Termal Coral CR para aquisição de alvos a média e longas distâncias, kestrel 4500 com calculadora balística e lunetas de observação Leupold Mark 4 12-40x60 mm.

Os *snipers* ainda podem contar com o sistema aéreo não tripulado Raven B para coleta de dados e reconhecimento das áreas de operações.

6. A quem o Pel Caçadores é subordinado dentro de uma Unidade?

O Cmt do pelotão dirige-se diretamente ao Cmt do Batalhão, participa de todas as reuniões e o assessora quanto à melhor forma de apoio em cada tipo de operação. Ele recebe a missão junto com os Cmt de Companhia.

7. O Cmt do Pel de Caçadores vai para as missões?

Não. Ele fica no Centro de Operações (COP), como controlador, em contato com os destacamentos para realizar a coordenação entre eles e o Batalhão. Assessora o S3 quanto ao que é visto pelas equipes a todo momento. Quando o apoio é ao conjunto, tudo o que é passado a ele, é repassado aos Cmt Cia, porém, em diversas situações, os destacamentos podem ser empregados em reforço ou apoio direto e passam informações diretamente à sua SU enquadrante, além de participarem dos *briefings* da Cia. Porém, vale ressaltar que todo assessoramento quanto ao emprego é feito pelo Cmt do Pel *Sniper*, os Cmt de Cia e de Btl não possuem tal astúcia, eles só expõem qual manobra será realizada e o Cmt Pel *Sniper* planejam o emprego.

8. Quais são as missões mais comuns realizadas pelos destacamentos de *sniper*?

Normalmente, os destacamentos são infiltrados no terreno bem antes do restante da tropa para coletar dados de inteligência, para alimentar a SU ou U sobre informações do inimigo, elencar alvos prioritários na região e apoiar as ações da tropa quando cerrarem sobre a posição.

9. Como é o emprego do *sniper* em operações defensivas, mais precisamente em uma ação retardadora?

Eles não trabalham muito com operações defensivas, visto que o emprego real deles é sob a ótica ofensiva. Países como Canadá, EUA e Inglaterra não são

empregados nesse sentido. Mas existe sim a utilização do *sniper* realizando base de fogos para apoiar o retraimento sob pressão do inimigo em algumas situações de conduta.

10. Como o Sr. acredita que deveria ocorrer a coordenação das equipes de caçadores com a tropa?

Por ocasião dos planejamentos para o emprego das equipes no terreno, sempre se lembrar de coordenar com os meios envolvidos, a fim de evitar principalmente o fratricídio. Algumas medidas e coordenações que o comandante do grupo de caçadores deve fazer durante o planejamento:

Com o Oficial de Operações: Coordenar apoio de fogo e tropa de reação rápida para apoio das equipes de caçadores, em caso de contato com inimigo antes da ação no objetivo; evacuação aeromédica; ativação do corredor de evasão (sfc); e apoios de transporte para a infiltração e exfiltração das equipes.

Com o Comandante da tropa apoiada (geralmente as SU): Confirmar frequências, local da base de fogo e posição de assalto da tropa apoiada (manobra da SU); necessidades de coleta de algum dado específico sobre a área de operações e objetivo; e coordenar o horário que as equipes de *sniper* começarão a escanear a rede da tropa apoiada.

Apoios para a infiltração (Helicópteros, meios mecanizados, etc.): Horários, frequências; coordenadas para zona de pouso ou ponto de infiltração; e presença dos pilotos ou motoristas durante a ordem aos comandantes de equipe e equipes de caçadores;

Apoio de fogo (Aéreo, artilharia, morteiro): Estabelecer bolhas de segurança no perímetro das posições dos caçadores (*no firing zones*) para evitar que sejam bombardeados pelos fogos de apoio durante os fogos de preparação e apoio ao ataque.

Engenharia: Caso haja emprego de engenharia para abertura de brechas, verificar a distância de segurança para posicionar as equipes de caçadores, a fim de evitar que sejam atingidas por estilhaços.

Outras tropas no terreno (Pelotão de Reconhecimento de Brigada, outras equipes de caçadores, etc.): Coordenar procedimento para contato, senhas, contra senhas, sinal de reconhecimento, frequências, localização na área do objetivo.

O comandante do grupo de caçadores, ao determinar a posição das suas equipes no terreno, deve evitar amarrar pontos e sim estabelecer área para a posição final de tiro (PFT), dando maior flexibilidade para as equipes de caçadores no terreno, pois, muitas vezes, a equipe, ao chegar ao terreno, verifica que o ponto que foi determinado pelo comandante de grupo não é a melhor posição para cumprir a missão. Obviamente, a região onde as equipes procurarão a melhor posição para estabelecer a PFT possui limites, a fim de evitar o fratricídio.

As equipes de caçadores, ao encontrar a melhor posição, devem fazer contato com o comandante de grupo e reportar a situação: Coordenadas da posição final de tiro principal e posição final de tiro alternativa, distância para o alvo, limites (direito e esquerdo) do campo de visão para o alvo em graus, coordenadas da posição do posto rádio, coordenadas do ponto de contato e/ou apoio (sfc).

A partir de então, as equipes começam a reportar os dados de inteligência sobre o inimigo, área de operações e meteorologia;

11. Quais as principais capacidades que o caçador tem?

Os caçadores devem possuir conhecimento em reconhecimento de materiais (carros de combate, viaturas de combate de infantaria e transporte de pessoal e comunicações, artilharia (autopropulsada, autorebocada e antiaérea), sistemas de mísseis (terra-ar e terra-terra), armas anticarro, armamento portátil, viaturas de engenharia (lançamento de pontes, desminagem), aviões (carga, bombardeiros, caça/ataque, comunicação) e helicópteros. Também deve possuir conhecimento das Ordens de Batalha e estruturação de um exército para as operações e ser capaz de conduzir fogos indiretos e ataques aéreos. Dessa forma, é interessante que sejam acrescentadas instruções dessa natureza aos Planos Padrão de Instrução às equipes de caçadores na tropa.

12. Como o Sr. vê a necessidade de emprego do caçador nos conflitos atuais?

Percebe-se que, com o surgimento dos conflitos de quarta geração, principalmente com a predominância de combates em áreas densamente povoadas, o uso de toda a potencialidade do poder de fogo disponível vai de encontro ao estado final desejado da missão, principalmente em se tratando da conquista do apoio da população e da opinião pública e devido à grande importância que as considerações

civis ocupam nos processos de tomada de decisão, o caçador passou a ser um vetor importantíssimo e uma poderosa ferramenta multiplicadora do poder de combate através do seu tiro seletivo e eficaz e também na coleta de dados de inteligência sobre a área de combate. Dessa forma, todos os grandes exércitos que estão em combate atualmente não abrem mão de possuir uma turma de caçadores bem preparada, armada e equipada para o apoio às missões.